

“ALL OF THEM WERE HOME”: PROCESSOS DE SUBJETIFICAÇÃO EM PONCIÁ VICÊNCIO E GEOGRAPHIES OF HOME

Priscila Reis Catalão (UERJ)¹

Resumo: O presente artigo tem por objetivo refletir acerca dos descentramentos contemporâneos causados por inúmeros motivos, tais movimentos fazem com que grandes populações se desloquem forçosamente por motivos diversos, como a escravidão e regimes ditatoriais. Utilizamos os romances *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo e *Geographies of home* (1999) escrito por Loida Maritza Pérez, para analisar como a diáspora afeta o processo de subjetificação feminino e a busca pelo lar.

Palavras-chave: Diáspora; Subjetificação; Lar

Geographies of home (1999), romance escrito pela dominicana Loida Maritza Pérez, retrata a jornada de uma família dominicana que imigra para os Estados Unidos a procura de uma vida melhor longe das condições miseráveis em que costumavam viver. A família é constituída por Aurelia e Papito e seus catorze filhos. Iliana, uma das filhas, nos atrai a atenção porque é a única entre os catorze filhos que tem acesso à educação superior e que por fim consegue frequentar a faculdade.

Parte de uma família extremamente conservadora e religiosa, Iliana é aquela que consegue fugir do círculo familiar e conhecer mais sobre o país para o qual imigrou. Contudo, sua experiência na faculdade nos mostra que sua presença na instituição é perturbadora e ela sofre ataques racistas por parte dos outros estudantes. Quando descobre que sua família está enfrentando tempos difíceis, especialmente no que diz respeito a suas irmãs Rebecca, vítima de violência doméstica, e Marina que sofre com transtorno de estresse pós-traumático e problemas de ordem mental após ter sido estuprada, Iliana decide deixar a faculdade e retornar à casa dos pais de maneira a ajudá-los.

Sendo uma sujeita diaspórica, Iliana vive a tensão implícita de ser leal a dois lugares ao mesmo tempo. Ela se encontra numa posição ambígua onde tenta respeitar ao máximo as tradições e expectativas dominicanas, ao passo que quer experimentar a vida como uma americana, o que pode significar mais liberdade para fazer suas próprias escolhas. Através de sua jornada nós podemos observar questões relacionadas à

¹ ¹ Graduada em Letras – Inglês/Literaturas (UERJ). Mestranda em Literaturas de Língua Inglesa (UERJ) sob a orientação da Prof^a Dr^a Leila Assumpção Harris. Contato: catalaopriscila@gmail.com

nostalgia versus assimilação, herança familiar, identidade cultural, estereótipos de gênero e desejo de pertencimento.

Ponciá Vicêncio (2003), da autora brasileira Conceição Eavaristo, como o título sugere, narra a história de Ponciá, uma garota negra que vive no interior do Brasil. Ponciá e sua família vivem nas terras de antigos senhores de engenho. O período escravocrata já havia acabado oficialmente, Ponciá e seu irmão fazem parte da primeira geração de negros libertos, no entanto as relações poder e o sistema de trabalho não haviam mudado muito desde que Princesa Isabel assinou a Lei Aurea. Os avós de Ponciá foram parte da diáspora africana e o legado de violência causado pela escravidão está presente no romance.

O mesmo é narrado em terceira pessoa e o recurso da focalização é usado nos momentos em que somos levados a conhecer um pouco dos pensamentos e questões de Ponciá através da voz onisciente do narrador. Ela cresce no interior ouvindo as histórias sobre como seu avô enlouqueceu, matou a esposa e acabou cortando o próprio braço numa tentativa de suicídio mal sucedida. Ponciá também descobre que ela parece com esse avô. Na fazenda em que cresce, ela trabalha com cerâmica junto à mãe enquanto o pai e o irmão trabalham nos campos.

Após se tornar adulta, ela decide deixar a vida no campo para trás e se muda para a cidade grande. Desta forma, ela toma um trem com a intenção de comprar uma casa para viver com a mãe e o irmão na cidade. Na cidade, Ponciá trabalha como empregada com o intuito de guardar dinheiro para a sonhada casa, se casa e sofre inúmeros abortos naturais. A cada gravidez Ponciá renova a esperança de que sua vida difícil poderia se tornar suportável apenas para frustrar-se ao perder o bebê que esperava todas as vezes. Além disso, o sentimento intenso de não-pertencimento, os sonhos que não conseguiu realizar como por exemplo estudar e se tornar mãe, acabam por tornar Ponciá uma mulher deprimida e fechada. Voltar ao lar para buscar a herança do avô que lhe fora prometida é a única maneira que ela encontra de retomar o que perdeu.

Os paralelos entre as jornadas de Iliana e Ponciá estão ligados às questões de raízes versus rotas, identidade e etnicidade dentre outros tópicos. O que nos faz pensar que Iliana e Ponciá são personagens que compartilham alguns aspectos de suas trajetórias é o sentimento de não-pertencimento constante, seu movimento rumo a um

entendimento maior de suas próprias identidades, a forma como suportam a violência e o trauma e também sua busca pelo lar.

A respeito das políticas de identidade, antes de nos debruçarmos sobre o assunto em relação aos romances, devemos frisar que identidade não é um produto fixo; é um constante movimento de tornar-se o que se é. Identidades são constituídas através de negociações contínuas entre semelhanças e diferenças. Apenas consegue-se perceber suas particularidades se vemos em que diferimos de outrem. Quando James Clifford discute formação de identidade, ele distingue-a como um processo caótico que é “enraizado em desejos e aspirações que não podem ser satisfeitas, movimentos de identificação são abertos, produtivos e cheios de ambivalência” (CLIFFORD, 2000, p. 95, tradução nossa). Tal é a nossa percepção acerca do processo que Ponciá e Iliana vivem.

Iliana, como uma imigrante dominicana nos Estados Unidos, está constantemente sob a influência de narrativas do passado e do presente. Ela sente falta do tempo que passou na República Dominicana; além disso, sente falta de ser reconhecida como uma garota dominicana, pois no país anfitrião ela geralmente é deslocada da sua nacionalidade, por assim dizer. Nos Estados Unidos ela não é apenas rejeitada por não ser americana, mas também é constantemente percebida como o Outro e entre outros imigrantes sua pele escura e o sotaque espanhol marcam a diferença entre Iliana e outras meninas que não sabem onde posicioná-la, como africana ou latina.

Além disto, a dificuldade que Iliana sente em aceitar sua própria identidade cultural está ligada ao fato de que seus irmãos e ela mesma tem que enfrentar um conflito generacional dentro da própria família, já que seus pais são extremamente dedicados as tradições culturais dominicanas e esperam que todos os seus filhos, incluindo os nascidos nos Estados Unidos, vivam e se comportem de acordo com tais regras. É seguro afirmar que Iliana deixa a sua casa para viver na faculdade para fugir de seus pais e suas regras rígidas. Sua identidade cultural é fortemente baseada nas trocas e recursos que ela retira de ambas as culturas, a americana e a dominicana.

Tal movimento nos mostra que Iliana está sempre em busca de um lugar que pode lhe proporcionar maior consciência de si, algum lugar em que ela se encaixasse e naturalmente se identificasse com as pessoas ao seu redor. Infelizmente, a faculdade não é este espaço, mas por muitas vezes um espaço ameaçador. Ela então tenta achar

semelhanças com sua família numa tentativa de compor sua própria identidade e finalmente retorna à casa.

Ponciá também sente a urgência de se encontrar, apesar de não nomeá-la, ela não acredita que a vida em Vicência é suficiente. Ponciá, tanto quanto sua mãe, está presa na esfera doméstica do mundo em que vivem. Os homens de sua família são responsáveis por sair de casa e trabalhar no campo enquanto ela e sua mãe ficam em casa e, diferentemente das mulheres brancas e privilegiadas que não precisavam trabalhar de nenhuma maneira, as duas mulheres são responsáveis por cuidar da casa e sair apenas para vender seus trabalhos de cerâmica.

Sem conseguir achar propósito nesta vida, ela decide ir para cidade, trabalhar e guardar dinheiro para a compra da casa. Ela anseia por mais agência e autonomia do que havia experimentado até o presente. Seu papel social enquanto mulher é definitivo na sua busca por si mesma. Isto significa que para Ponciá viver uma vida circunscrita pelo trabalho doméstico, o trabalho com o barro e servindo aos homens da família não era nenhum um pouco satisfatório, pois que para que ela consiga performar nos domínios sociais e coletivos, sua subjetividade deveria ser apagada. Essa é a razão pela qual enquanto criança acreditava intensamente que ela conseguiria se transformar em um menino caso passasse embaixo de um arco íris. Ela já sentia o peso de ser uma mulher negra.

A meu ver, o fato de Ponciá e Iliana serem corajosas o suficiente para deixar para trás suas vidas antigas na busca de maneiras para criarem novas identidades que não são baseadas em seus papéis sociais de acordo com tradições e modos de viver antigos, mas sim produtos de suas próprias jornadas rumo a encontrarem-se em si mesmas demonstra que ambas são audaciosas e vulneráveis ao mesmo tempo. Contudo, nós precisamos levar em consideração o fato de que suas escolhas são baseadas na percepção de sucesso contida no imaginário coletivo e esta pode ser a razão pela qual ir para a cidade ou se mudar para a faculdade não resolvem suas questões iniciais. A vulnerabilidade já mencionada é mostrada enquanto estão nestes locais e quando atacadas por preconceito e violência, ela se transforma em vergonha.

A vergonha em ser diferente e excluída faz com que Iliana, mas especialmente Ponciá recuem para dentro de si mesmas de uma maneira entorpecida. Enquanto Ponciá se torna cada vez mais depressiva, Iliana atravessa um processo de negação em relação

à realidade familiar. Elas adormecem seus sentimentos para sobreviver, entretanto este processo só é tolerável por um tempo e elas precisam encarar o fato de que se querem descobrir quem realmente são neste movimento incessante de tornar-se, precisam ir embora mais uma vez. Ponciá e Iliana ilustram o conceito de sujeito pós-moderno cunhado por Stuart Hall (2011) que representa identidades soltas que estão sempre em movimento e adicionam a seu cerne aspectos múltiplos de várias identidades culturais. Seus deslocamentos são essenciais para a tomada de consciência.

De acordo com *New Key Words: A [Revised] Vocabulary of Culture and Society*, editado por Tony Bennet, Lawrence Grossberg and Meaghan Morris, o conceito de lar “(...) sugere tanto descanso e assentamento quanto movimento. Lar é o lugar onde as coisas se originam (...) e para onde retornam, ou – onde movimento é bloqueado – um lugar de retorno imaginado.” (2005, p. 162, tradução nossa). Deslocamentos modernos, especialmente os que aconteceram no século 21, fizeram o mundo repensar e redefinir a cartografia e o conceito de lar. É seguro afirmar que não há nenhum entendimento definitivo a respeito do lar.

Jornadas diaspóricas pressupõe que “lar” é um conceito que não é fixo, às vezes sendo representado por um lugar mítico de múltiplas aspirações. Estas jornadas não representam apenas deixar uma localidade, mas também chegar e ficar em outro lugar o que significa que o “lar” pode se transformar em um lugar para onde retornar é impossível ao mesmo tempo em que representa a experiência real de fincar raízes em outro espaço. Apesar de nem todos os sujeitos diaspóricos desejarem voltar ao local de origem, o binário pertencimento versus não-pertencimento está definitivamente presente em suas vidas e ceder à ideia de um lugar imaginado para onde o indivíduo deve retornar de forma a encontrar identificação está retratado nos romances analisados na presente comunicação.

Tanto Iliana quanto Ponciá decidem deixar suas casas para buscar um futuro melhor. As duas estão à procura de uma vida mais independente e autônoma. Ponciá e Iliana são subjetividades híbridas cujas identidades estão fortemente baseadas na dicotomia raízes versus rotas e que são capazes de obter recursos de diferentes culturas por serem sujeitas diaspóricas. Como não são capazes de se encaixar nos lugares de onde vêm, elas se movem de modo a escapar os aspectos duros das vidas que conheceram previamente, no entanto escapar também significa encarar novas formas de opressão e violência. Assim sendo, a busca pelo lar se mostra como um paradoxo sem fim, especialmente quando o sujeito não se sente confortável nem de onde veio e nem aonde chegou.

Esse sentimento de inquietação é retratado através de Ponciá quando ela se dá conta de que os negros trabalham para enriquecerem os brancos enquanto se encontram em condições deploráveis de vida e através de Iliana sempre que ela tem que encarar a violência do pai e a loucura da irmã. Ao mesmo tempo, ambas são odiadas, vitimizadas e maltratadas nos lugares para onde se mudaram. O lar como lugar de origem é também um território de opressão e prisão para Ponciá na mesma proporção que é um local de convenções patriarcais para Iliana. Logo, devemos perguntar: onde é o lar?

Após sofrerem abusos, Ponciá e Iliana decidem que devem continuar se movimentando. Ponciá deixa a cidade e retorna a Vicência esperando reencontrar a mãe e o irmão. Enquanto ela se move fisicamente no trem partes de sua subjetividade também estão a se mover e como um quadro a se revelar a memória de seu avô se mostra e ela é capaz de se conectar com a herança que lhe fora deixada: seu legado, sua memória como pessoa escravizada e parte da diáspora africana.

Ponciá finalmente personifica a identidade hereditária que lhe fora passada através de seu avô, ao mesmo tempo em que também herda a loucura dele, sendo a portadora da sua memória histórica e cultural. Logo, o lar para Ponciá é a identidade negra originada em seu corpo negro e nas memórias que ela compartilha com os seus. Lar não é um espaço físico, mas sim um estado do ser que a conecta com sua família de maneira que ela não consegue operar quando não está com eles. Lar é lembrar-se de seu avô, de seu pai, dos seus ancestrais e reconhecer seu laço com a negritude. Lar é a memória de África.

Iliana passa por processo similar de reconhecimento do lar ao estabelecer um limite logo após ser espancada por Papito. A violência ocorre porque Iliana sai acompanhada de um rapaz e chega após escurecer em casa, duas coisas que são proibidas a uma moça dominicana que vive sob as regras patriarcais da família tradicional. Papito desconta sua frustração com a disfuncionalidade familiar e sua própria incapacidade de gerir os conflitos criados pelos filhos na filha mais nova.

Sendo assim, Iliana não consegue entender aonde pertence, pois havia experimentado muita violência e discriminação. O desejo de encontrar um lugar para chamar de lar que fosse uma fonte de felicidade, nutrimento e amor era uma ilusão que aos poucos chegou ao fim. Após ser violentada física e emocionalmente ela começa uma jornada rumo ao entendimento de que seu lar não é palpável. Do mesmo modo, ela chega à conclusão de que o lar por si só é o laço afetivo que compartilha com sua família, suas experiências fora do âmbito familiar, as memórias que ela ajudou a criar

com todos eles e a família per se. “Todos eles eram o lar” (PÉREZ, 1999, p. 324) e por esta razão Iliana finalmente entende que ela não precisa consertar os problemas de sua família e nem obrigar-se a ficar na mesma casa que eles para encontrar o que buscava.

Concluindo, Ponciá Vicêncio e Iliana são fortemente afetadas pelos deslocamentos físicos e sociais que suas famílias e elas mesmas tiveram que vivenciar. Portanto, suas identidades não são fixas e estão em constante movimento de mudança dadas as experiências que vivem ao traçar seus próprios caminhos. Suas jornadas enquanto mulheres são marcadas por discriminação racial e opressão de gênero o que as torna vulneráveis, mas também mais fortes quando se empoderam o suficiente para romper com o padrão de abuso e preconceito.

Estas personagens e seus processos de subjetificação enquanto mulheres, subjetividades diaspóricas e pessoas negras não apenas jogam luz nas dificuldades que pessoas como elas encaram, mas também ajudam-nos a compreender que o lar não é lugar idealizado, como sugerido por Avtar Brah “estes relatos geográficos demonstram como o mesmo espaço geográfico e psíquico pode articular ‘histórias’ diferentes e como ‘lar’ pode ser simultaneamente um lugar de segurança e terror” (BRAH, 1996, p. 180). Apesar de não existir nenhuma definição categórica a respeito do lar, suas trajetórias demonstram que o lar é feito de fatores abstratos, por exemplo, a memória e o afeto; além disso, lar é também o corpo que habitamos e todas as marcas da diferença e da semelhança que ele contém. Lar não é nem aqui e nem lá, para identidades híbridas como Iliana e Ponciá, lar é a vida no entre-lugar.

Referências

BENNET, Tony, GROSSBERG, Lawrence e MORRIS, Meaghan. “Home”. *New Keywords: A Revised Vocabulary of Culture and Society*. Oxford: Blackwell, 2005, pp. 162-164.

BRAH, Avtar. “Diaspora, border and transnational identities.” In: _____. *Cartographies of Diaspora: contesting identities*. London: Routledge, 1996.

CLIFFORD, James. "Taking identity politics seriously". In: GILROY, Paul. GROSSBERG, Lawrence. MCROBBIE, Angela. *Without guarantees: in honour of Stuart Hall*. London: Verso, 2000.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

PÉREZ, Loida Maritza. *Geographies of Home*. New York: Penguin, 1999.